



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

Fim do Verão; Sobrevivente; A grande beleza

Luis Maffei

Para citar este documento / To cite this document:

Luis Maffei, "Fim do Verão; Sobrevivente; A grande beleza", *Colóquio/Letras*, n.º 190, Set. 2015, p. 106-108.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Fim do verão

O verão é findo é findo peixes O
crepúsculo cala e esquece o ar na ecobag do
escafandrista
Digo teu nome um nome só
digo começa o sol a ave o nado já vivo este
outono de pernas ao ar e luz acesa
de anzol no nariz e tinta fresca
Imagina se houvesse outro nome a dizer
Imagina outro nome e o dizendo cansa os cabelos
das folhas as coxas depiladas deste
tempo sem volta sem revolta
tempo de um ar na bagagem e
me ajuda a inventar o oxigênio respira-
me a boca na boca antes que morra
o peixe que o coma que a folha a luz
azul deste outono disperse o
teu nome desfeito no amparo que é vindo e só
vindo e dispare o teu
sono ditado ao silêncio

Sobrevivente

a Gastão Cruz

O poeta é o sobrevivente de si mesmo

E quando bruxuleia o Bairro Alto as rampas as lúgubres subidas tornam-se
chão molhado por finitas chuvas
solo único para andarmos juntos
poeta e eu
escondidos do sol e do tempo que
sem pressa como andar costuma
finge imitar o tremor do andarmos lento lento como
(a tristeza é nascente como o sol)
navegássemos num fio cordão corda pendente do pescoço
enfeite de outra vida pra durar um só segundo
trela imaginada pouco quase nada

Navegamos

E quando a ladeira é morta e vemos
poeta e eu
o sol brincar de pouco álcool muitos versos
formol em cada página do que escreveu do que
escrevemos
quando é pouco a insônia que nos morre a ambos
muito a história que ninar nos cabe
vejo o poeta descer ao subterrâneo pois criou
Saturno ao inventar seu Hades O poeta mora
em mim enquanto o mundo eu for
enquanto a sola gasta inchar sua umidade e eu
cair quando o poeta
longe do que possa o que digito
atenda o telefone sua escada abaixo diga o que
não ouço e que será entre
ele
e o tempo

A grande beleza

Há um desespero consciente em meu olhar o mundo uma atenção um querer chamar um olho de que sangra sem sangrar mas sangra junto. O outro olho o espaço o tempo que me imputa haver-me enquanto vejo amplia-se através da enorme distância da filigrana exposta deste excesso mundo tudo aí. Olhar nos olhos e escutar as vozes. Dividir espaço e perfazer paisagem na desatenção ligada de meus semelhantes. Que sonham enquanto inundam seus presentes. De outros sonhos. Como seus trabalhos e seu dia a dia suas existências com cercados vários desde os cobertores desde os alimentos até os aparelhos ou os hologramas. E nisto um desespero consciente? Na franja imaginária entre uma escharpa e uma escultura (mas não é você é a luz) entre o emprego e a desistência o solilóquio e a esperança meus pés há noutro fio filantropo em veia aflita e quando o é conhece a mais misantropia a muita a escassa. Não se pode olhar nos olhos e saber se aquele corpo já criou um assassinato.

E onde a girafa de um circo muito círculo e outra esfera aos olhos deambulantes de Jap Gambardella?

Ou

Você se fita com a beleza e sempre sempre há de tombar.